

A ESCRITA COMO TRANSFORMAÇÃO DE VIDAS UMA ANÁLISE LITERÁRIA DA OBRA QUARTO DE DESPEJO DA AUTORA: CAROLINA MARIA DE JESUS

Nilzene Nataniel de Santana Nascimento¹

Ana Raquel da Silva Mesquita²

Jaciara Lobato Louzeiro Santos³

Keli da Rocha Franca⁴

INTRODUÇÃO

O livro da autora Carolina Maria de Jesus é um diário, onde a protagonista expressa a realidade vivida na favela em que ela denomina “Quarto de despejo”. Nessa perspectiva, vivencia-se um relato literal das pessoas que são marginalizadas e esquecidas na sociedade. Com uma linguagem popular, mas com um discurso composto de erudição, Carolina retrata a miséria, a cor da fome, as divergências, as humilhações e sobretudo a vontade de vencer e a força de alguém que, luta em meio as adversidades e intempéries da vida.

Alguns aspectos do livro revelam situações hegemônicas em um apagamento holístico de uma sociedade que sofre. Carolina luta veemente e sua voz ecoa sobre um mundo indigno. O objetivo geral dessa análise é demonstrar como uma catadora de papel na década de 1960 sobreviveu em meio ao lixo e as dificuldades explícitas da época. O resultado da análise literária demonstra que apesar da luta, das conquistas, denúncias, o final da heroína não são tão favoráveis. Ao longo de toda escrita e publicação Carolina não prosperou, mudou da favela para um sítio, mas as evidências demonstram que ela não alcançou ua vida digna mediante toda exploração do seu livro.

Atualmente o livro é discutido em escolas e mostra uma realidade ainda presente na sociedade atual. Sua filha Vera Eunice tornou-se professora. Nesse critério, percebemos o quanto o reflexo dos sonhos, das lutas, dos gritos da justiça são válidos e precisos. A memória póstuma da protagonista é relevante para o momento. Quando uma condição quer sufocar é necessário agir. Hoje, Carolina representa muitas mulheres, nessa experiencia, ela revela muitos despejos na sociedade contemporânea.

¹Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal -PI, Professora Uespi- nilzenenascomento@urc.uespi.br

²Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins - UFT, anainharaquel2020@gmail.com;

³Graduado em Pedagogia- Universidade Estadual do Piauí- Uespi e Graduando do Curso de LETRAS LIBRAS do Instituto Federal do Piauí-IFIPI/UAB, jaciara lobatolouzeirosantos@email.com;

⁴Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal -PI, Professora – SEMED-PI pedagogakelirfranca@gmail.com



METODOLOGIA

A metodologia segue a abordagem qualitativa, com revisão de literatura a partir da obra Quarto de despejo. O livro retrata a vida de uma mãe solteira, catadora de lixo, moradora da periferia de São Paulo. A narrativa ressalta, com integralidade, a favela do Canindé e a experiência da autora e de seus filhos em condições subumanas, revelando uma história de luta e resistência em uma sociedade adversa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Carolina era uma mulher preta, mãe, catadora de lixo e moradora da favela do Canindé, em São Paulo. Escreveu seus diários entre 1955 e 1960, registrando com sinceridade o sofrimento e o cotidiano da pobreza exacerbada.

O livro, publicado em 1960, é composto por 20 diários. Sua linguagem simples preserva a autenticidade da autora, que cria sozinha seus três filhos: Vera Eunice, João José e José Carlos. Ser mãe em meio a essa adversidade é um ato de resistência diante da miséria. Ela afirma que “a fome tem a cor amarela”, revelando o Brasil profundo e invisibilizado por meio de relatos originais. Sua obra foi redescoberta e valorizada na contemporaneidade, sendo apresentada em vestibulares e currículos escolares.

Atualmente, o livro é discutido em escolas e revela uma realidade ainda presente na sociedade. Sua filha, Vera Eunice, tornou-se professora, evidenciando o reflexo dos sonhos, lutas e vozes pela justiça que permanecem necessários. A memória póstuma da protagonista é relevante e inspira resistência: quando uma condição busca silenciar, é preciso agir. existência fala através de sua escrita: “A vida é igual um livro. Só depois E nós, quando estamos no fim da vida, é que sabemos como a nossa vida decorre. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro” (Quarto de despejo, p. 147). Carolina também conceitua a favela de forma metafórica e poética: “[...] eu classifico São Paulo assim: o Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2000, p. 28). Essa afirmação autêntica sintetiza o sentido da obra Quarto de despejo.

É na leitura que a autora transcende sua condição marginal e, pela escrita, alcança o sonho da casa de alvenaria. Escrever é denunciar e trazer à tona o subalterno.



Ler é imaginar-se em outro lugar, diferente da realidade opressora. Escrever, para Carolina, foi prática constante, uma forma de desabafo e sobrevivência

Figura 1: Imagem da capa do livro Quarto de despejo



Fonte: Retirado da internet

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado da análise literária demonstra que, apesar da luta, das conquistas e das denúncias, o final da trajetória da autora não foi favorável. Ao longo da escrita e após a publicação, Carolina não prosperou. Mudou-se da favela para um sítio, mas as evidências demonstram que ela não alcançou uma vida digna, mesmo com a repercussão de sua obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e a escrita proporcionaram à autora uma nova vivência, simbolizada em sua casa de alvenaria. Nesse contexto, seus registros surgem como um escape em meio ao sofrimento. Sua obra se tornou um instrumento de reflexão e notabilidade para o século XXI. Enaltecer Carolina Maria de Jesus é dar voz aos silenciados e reconhecer a força transformadora da escrita.

Palavras-chave: Favela, luta, sobrevivência, realização.

REFERÊNCIAS

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2000



